

**MARCA SOCIAL**

# Governo prepara programa para substituir Bolsa Família

Ampliação do benefício seria financiada por corte nas deduções do IR

Estudo do Ipea, encomendado pelo governo para reformular o Bolsa Família, prevê ampliar o número de atendidos por programas de transferência de renda. O texto propõe cortes em bene-

fícios voltados aos brasileiros de renda mais alta, como o abono salarial e deduções do Imposto de Renda, para financiar a ampliação do Bolsa Família, hoje pago a 13,8 milhões de famílias, informa

**MARCELLO CORRÊA.** A medida visa construir a “marca social” do governo Bolsonaro, identificado na economia por medidas de ajuste fiscal, como a reforma da Previdência. **PÁGINAS 27 e 28**

mesmo — diz Juliana, que conta com a ajuda de familiares para comprar alimentos.

#### EM BUSCA DE DESASSISTIDOS

A sugestão do Ipea também busca alcançar pessoas que hoje não recebem qualquer tipo de auxílio do governo, mas estão em situação vulnerável. É o caso de Rita Barros, de 46 anos. Ela trabalha como diarista e ainda faz bicos como cabeleireira para reforçar a renda mensal, que não passa de dois salários mínimos. Foi assim que ela criou sozinha a primeira filha, Rithyele, hoje com 23 anos, e ainda sustenta a segunda, Beatriz, de 13. Ela já ten-

tu, mas não conseguiu o Bolsa Família porque sua renda não é baixa o suficiente para se enquadrar no programa. Por outro lado, como não tem emprego formal, não conta com abono salarial ou deduções no Imposto de Renda.

— Sempre tive que trabalhar demais para sustentar minhas filhas. O Bolsa Família ajudaria, mas não faria tanta diferença. Conheço gente que ganhou e, ainda assim, teve dificuldades para se manter — diz Rita, moradora do Andaraí, na Zona Norte do Rio.

Já a bancária Viviane Louvem, de 40 anos, tornou-se mãe há apenas quatro meses. Vive com a pequena Maria Clara e o marido, o administra-

dor Alexei Gabetto, de 48, na Tijuca. Apesar do orçamento equilibrado, usa deduções de gastos com saúde e educação no IR. Com a filha, passa a ter devolução de imposto por dependente. Se o novo sistema for implantado, essa dedução será trocada pelo benefício universal, bem menor.

— Usei esse benefício na pós-graduação e para tratamentos de saúde, porque meu convênio tem reembolso muito baixo. Agora, pretendo usar para amenizar gastos com minha filha — diz Viviane. — Ainda é difícil confiar na qualidade dos serviços públicos.

Para sair do papel, a sugestão do Ipea precisa de emenda à Constituição. Na equipe eco-

nômica, o plano é tratado como preliminar. Segundo o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, a implantação deve ser gradual:

— É bom destacar que o governo Bolsonaro é um governo com forte apelo social. Nós nos preocupamos com o lado social. A liberação do FGTS e do PIS-Pasep mostra isso. Agora, esse programa visa melhorar a situação dos desalentados brasileiros. É uma marca social do governo. (Colaboraram Efrém Ribeiro e Amanda Pinheiro, estagiária sob supervisão de Alexandre Rodrigues)

**PARA PESQUISADOR DO IPEA, HÁ BURACOS NA COLCHA SOCIAL, NA PÁGINA 28**



*“Sempre tive que trabalhar demais para sustentar minhas filhas. O Bolsa Família ajudaria, mas não faria tanta diferença”*

— Rita Barros, diarista e cabeleireira

*“Esse programa visa a melhorar a situação dos desalentados brasileiros. É uma marca social do governo”*

— Adolfo Sachsida, secretário de Política Econômica

*“O dinheiro do Bolsa Família não dá nem para comprar as fraldas, mas, sem ele, não sobraria nada mesmo”*

— Juliana Sousa, dona de casa



#### Vulneráveis.

Juliana e Francisco usam os R\$ 104 do Bolsa Família para cuidados com os filhos Lara, de 4 anos, e Pedro, de 3, mas ainda precisam de ajuda de parentes para comer





CUSTODIO COIMBRA

**Alívio do Leão.**

Alexei e Viviane contam com deduções no Imposto de Renda para amenizar no orçamento o peso dos gastos com a filha, Maria Clara, de 4 meses, diante da baixa qualidade de serviços públicos



QUITO MORETO

**Sem apoio estatal.** A diarista Rita Barros não conta com nenhuma ajuda do governo para criar a filha, Beatriz, de 13 anos. É o público que o governo mira com a reformulação de programas sociais



# Para pesquisador, há 'buracos na colcha' social

Sergei Soares, um dos autores do estudo do Ipea para mudar programas, diz que benefício universal pode estender proteção a 17 milhões de crianças. Para o especialista Paes de Barros, Bolsa Família deve ser aperfeiçoado com foco

MARCELLO CORRÊA  
marcello.correa@oglobo.com.br  
BRASÍLIA

**E**mbora seja considerado um programa bem-sucedido, o Bolsa Família pode ser aperfeiçoado, na avaliação de especialistas. Para o pesquisador do Ipea Sergei Soares, um dos autores da proposta, o formato reduziria o que ele chama de "buracos" na "colcha de retalhos" que se tornou o sistema de proteção social.

— Nossa proteção social não é um cobertor curto. A gente bota muito dinheiro nisso. Como a gente gasta tanto com transferências sociais e tem uma desigualdade tão alta? Em grande medida, porque boa parte desse gasto é ruim: é mal focalizado, fragmentado, tem sobreposições e lacunas. Em vez de ser um cobertor curto, é uma colcha de retalhos. Com buracos grandes e outras partes grossas demais — define Soares, que assina o trabalho com Leticia Bartholo e Rafael Osorio.

Atualmente, das 52 milhões de crianças no país, 17 milhões não são cobertas por qualquer

tipo de benefício social. Desse total, 70% estão na metade mais pobre da população, segundo o estudo. A criação de um benefício universal para crianças e adolescentes, como propõe o Ipea, acabaria beneficiando também famílias ricas, mas acabaria com esse hiato.

## 'POBREZA MUDA TODA HORA'

O trabalho mostra que muita gente recebe mais de um tipo de auxílio. O Ipea calcula que 15,4 milhões de pessoas recebem, ao mesmo tempo, abono salarial e salário-família, por exemplo.

Um dos criadores do Bolsa Família, Ricardo Paes de Barros, economista-chefe do Instituto Ayrton Senna e professor do Insper, também vê espaço para mudanças nos programas de transferência, mas não considera o benefício universal uma boa saída.

— O sucesso do Bolsa Família depende de que ele seja aperfeiçoado. A ideia de um Bolsa Família imutável é incompatível com uma pobreza que muda toda hora — diz o especialista. — Qualquer be-

nefício universal pode ser melhorado ao ser focalizado. Um benefício universal não vai ajudar em nada uma parcela da população.

Paes de Barros defende que, antes de se pensar em uma ampliação do programa, sejam aperfeiçoados mecanismos de controle. Segundo relatório da Controladoria-Geral da União (CGU), os pagamentos indevidos do Bolsa Família somam R\$ 1,3 bilhão, por causa da subdeclaração de renda. O economista defende melhor uso do Cadas-

tro Único para identificar o rendimento real das famílias.

Já o diretor da FGV Social, Marcelo Neri, que foi presidente do Ipea e ministro de Assuntos Estratégicos, considera positiva a criação de uma rede mais integrada de benefícios:

— O Bolsa Família é muito bom, mas no público dele. No Brasil, como os programas foram criados em diferentes momentos, formou-se uma espécie de Frankenstein. Algumas pernas, como o Bolsa Família, funcionam, mas talvez falte um cérebro.